

Excertos de Rancière para análise no encontro.

“Quem ensina sem emancipar, embrutece” (*O mestre ignorante*, p. 37).

Contexto político e educacional da elaboração de *O mestre ignorante*, reformistas do governo de Mitterand (1981-1995): “Da sociologia de Pierre Bourdieu, eles extraíram, portanto, um programa que visava reduzir as desigualdades da Escola, reduzindo a parte que cabia à grande **cultura legítima**, tornando-a mais convival, mais adaptada às sociabilidades das crianças das camadas desfavorecidas, – isto é, essencialmente, dos filhos de emigrantes. Este sociologismo restrito não fazia, infelizmente, senão afirmar melhor o pressuposto central do progressivismo, que determina que aquele que sabe se faça ‘acessível’ aos desiguais – confirmando, desta forma, a desigualdade presente, em nome da igualdade futura.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 13).

Escola republicana e progressivismo: “Eis porque ele deveria rapidamente suscitar uma reação contrário. Na França, a ideologia dita **republicana** reagiu prontamente, denunciando esses métodos que, **adaptados aos pobres**, não podem ser jamais senão **métodos de pobres** e que começam por mergulhar os ‘dominados’ na situação de que se tenta retirá-los. Para essa ideologia, o poder da igualdade residia, ao contrário, na universalidade de um saber igualmente distribuído a todos, sem considerações de origem social, em uma Escola bem separada da sociedade. Entretanto, o saber não comporta, por si só, qualquer consequência igualitária. A lógica da **Escola republicana** de promoção da igualdade pela distribuição do universal do saber faz-se sempre, ela própria, prisioneira do paradigma pedagógico que reconstitui indefinidamente a desigualdade que pretende suprimir.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 13-14).

Análise de Rancière do Relatório de Bourdieu: “Isso, de certo modo, o próprio Bourdieu nunca deixou de afirmar. Em 1985, ele comentava um relatório solicitado aos professores do Collège de France sobre os meios de reformar o ensino. Pois bem, seus comentários conduziam as diversas proposições detalhadas pelo relatório a dois pontos essenciais. Aquilo que era preciso combater, o que ele chamou de ‘o efeito de veredito’ e “o efeito de hierarquização”. A ‘pedagogia racional’ fundada sobre a ciência da reprodução basicamente se resumia a dois princípios: jamais afirmar a incapacidade do aluno e multiplicar as ‘formas de excelência cultural’ para dar à maioria a oportunidade de ser excelente em alguma área. É difícil estar mais próximo das fórmulas da emancipação intelectual jacotista.” (Rancière, Prefácio ao livro *Philosophe et ses pauvres*, p. 41-42).

Princípio da igualdade das inteligências: “Quem estabelece a igualdade como *objetivo* a ser atingido, a partir da situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela deve sempre ser colocada antes. A própria desigualdade social já a supõe: aquele que obedece a uma ordem deve, primeiramente, compreender a ordem dada e, em seguida, compreender que deve obedecê-la. Deve, portanto, ser já igual a seu mestre, para submeter-se a ele. Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar. Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. O primeiro ato chama-se **embrutecimento** e o segundo, **emancipação**. No alvorecer da marcha triunfal do progresso para a instrução do povo, Jacotot fez ouvir esta declaração estupefaciente: esse progresso e essa instrução são a eternização da desigualdade. Os amigos da igualdade não têm que instruir o povo, para aproximá-lo da igualdade, eles têm que emancipar as inteligências, têm que obrigar a quem quer que seja a verificar a **igualdade de inteligências**.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 11-12).

Método de Jacotot (1770-1840): “Mas o **acaso** decidiu outra coisa. Com efeito, às lições do modesto leitor acorreram rapidamente os estudantes. E, entre aqueles que se dispuseram a delas beneficiar-se, um bom número ignorava o francês. Joseph Jacotot, por sua vez, ignorava totalmente o holandês. Não existia, portanto, língua na qual pudesse instruí-los naquilo que lhe solicitavam. Apesar disso, ele quis responder às suas expectativas. Para tanto, era preciso estabelecer, entre eles, o laço mínimo de uma *coisa* comum. Ora, publicara-se em Bruxelas, naquela época, uma edição bilíngüe do *Telêmaco*: estava encontrada a coisa comum e, dessa forma, *Telêmaco* entrou na vida de Joseph Jacotot. Por meio de um intérprete, ele indicou a obra aos estudantes e lhes solicitou que aprendessem, amparados pela tradução, o texto francês. Quando eles haviam atingido a metade do livro primeiro, mandou dizer-lhes que repetissem sem parar o que haviam aprendido e, quanto ao resto, que se contentassem de lê-lo para poder narrá-lo. Era uma solução de **improviso**, mas também, em pequena escala, uma **experiência filosófica**, no gosto daquelas tão apreciadas no Século das Luzes. E Joseph Jacotot, em **1818**, permanecia um homem do século passado.

No entanto, a **experiência** superou suas expectativas. Ele solicitara aos estudantes assim preparados que escrevessem em francês o que pensavam de tudo quanto haviam lido. «Ele estava esperando por terríveis barbarismos ou, mesmo, por uma impotência absoluta. Como, de fato, poderiam todos esses jovens, privados de explicações, compreender e resolver dificuldades de uma língua nova para eles? De toda forma, era preciso verificar até onde esse novo caminho, aberto por acaso, os havia conduzido e quais os resultados desse empirismo desesperado. Mas, qual não foi sua surpresa quando descobriu que seus alunos, abandonados a si mesmos, se haviam saído tão bem dessa difícil situação quanto o fariam muitos franceses! Não seria, pois, preciso mais do que querer, para poder? Todos os homens seriam, pois, virtualmente capazes de compreender o que outros haviam feito e compreendido?» (Rancièrè, *O mestre ignorante*, p. 17-18).

Crítica de Jacotot à lógica do mestre explicador: “A revelação que acometeu Joseph Jacotot se relaciona ao seguinte: é preciso inverter a lógica do **sistema explicador**. A **explicação** não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa *incapacidade*, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, **a explicação é o mito da pedagogia**, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto – somente agora tem início o **ato de aprender**; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar. Até ele, o pequeno homem tateou às cegas, num esforço de adivinhação. Agora, ele vai aprender. Ele escutava palavras e as repetia. Trata-se, agora, de ler, e ele não escutará as palavras, se não escuta as sílabas, e as sílabas, se não escuta as letras que ninguém poderia fazê-lo escutar, nem o livro, nem seus pais – somente a palavra do mestre. O mito pedagógico, dizíamos, divide o mundo em dois. Mas, deve-se dizer, mais precisamente, que ele divide a inteligência em duas. Há, segundo ele, uma inteligência inferior e uma inteligência superior. A primeira registra as percepções ao acaso, retém, interpreta e repete empiricamente, no estreito círculo dos hábitos e das necessidades. É a inteligência da criancinha e do homem do povo. A segunda conhece as coisas por suas razões, procede por método, do simples ao complexo, da parte ao todo. É ela que permite ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou de aprender. Tal é o princípio da explicação. Tal será, a partir daí, para Jacotot, **o princípio do embrutecimento**.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 23-24).

Embrutecimento ≠ Emancipação: “Entendâmo-lo bem – e, para isso, afastemos as imagens feitas. O **embrutecedor** não é o velho mestre obtuso que entope a cabeça de seus alunos de conhecimentos indigestos, nem o ser maléfico que pratica a dupla verdade, para assegurar seu poder e a ordem social. Ao contrário, é exatamente por ser culto, esclarecido e de boa-fé que ele é mais eficaz. Mais ele é culto, mais se mostra evidente a ele a distância que vai de seu saber à ignorância dos ignorantes. Mais ele é esclarecido, e lhe parece óbvia a diferença que há entre tatear às escuras e buscar com método, mais ele se aplicará em substituir pelo espírito a letra, pela clareza das explicações a autoridade do livro. Antes de qualquer coisa, dir-se-á, é preciso que o aluno compreenda e, para isso, que a ele se forneçam explicações cada vez melhores. Tal é a preocupação do pedagogo esclarecido: a criança está compreendendo? Ela não compreende? Encontrarei maneiras novas de explicar-lhe, mais rigorosas em seu princípio, mais atrativas em sua forma; e verificarei que ele compreendeu.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 25).

Tradução e contra-tradução (essa passagem não está entre os trechos destacados para o fichamento): “Talvez agora se compreenda melhor a razão dos prodígios do Ensino Universal: os recursos que põe em ação são simplesmente os de toda situação de comunicação entre dois seres racionais. A relação de dois ignorantes com o livro que eles não sabem ler somente radicaliza esse esforço de todos os instantes, para **traduzir** e **contra-traduzir** os pensamentos em palavras e as palavras em pensamentos. Essa vontade que preside à operação não é uma receita de taumaturgo. Ela é esse desejo de compreender e de se fazer compreender, sem o qual nenhum homem jamais daria sentido às materialidades da linguagem. É preciso entender o compreender em seu verdadeiro sentido: não o derrisório poder de suspender os véus das coisas, mas a potência de tradução que confronta um falante a outro falante.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 95).

Improviso e virtude poética (essa passagem não está entre os trechos destacados para o fichamento): “**Improvisar** é, como se sabe, um dos exercícios canônicos do Ensino Universal. Mas é, antes ainda, o exercício da virtude primeira de nossa inteligência: a virtude poética. A impossibilidade que é a nossa de dizer a verdade, mesmo quando a sentimos, nos faz falar como poetas, narrar as aventuras de nosso espírito e verificar se são compreendidas por outros aventureiros, comunicar nosso sentimento e vê-lo partilhado por outros seres sencientes. A **improvisação** é o exercício pelo qual o ser humano se conhece e se confirma em sua natureza de ser razoável, isto é, de animal «que faz palavras, figuras, comparações para contar o que pensa a seus semelhantes» (JACOTOT, *Enseignement universel*, p. 231). A virtude de nossa inteligência está menos em saber, do que em fazer. «Saber não é nada, fazer é tudo». Mas esse fazer é, fundamentalmente, ato de comunicação. E, portanto, «falar é a melhor prova da capacidade de fazer o que quer que seja» (JACOTOT, *Enseignement universel*, p. 163). No ato de palavra, o homem não transmite seu saber, ele poetiza, **traduz** e convida os outros a fazer a mesma coisa.” (Rancière, *O mestre ignorante*, p. 96).